

Invasores vão ao Buriti pedir lotes ao governo



Segurança tenta, pelo diálogo, conter invasores de Samambaia

Os moradores da invasão da quadra 621 de Samambaia, que tiveram suas casas derrubadas no último dia 5 de abril, pela Terracap, estão com medo de um novo despejo do atual e provisório local, o Centro de Apoio Social de Taguatinga Sul. As 65 famílias do CAS foram, ontem, ao Palácio do Buriti, para tentar junto ao governador Joaquim Roriz, alguns lotes, tanto para as pessoas cadastradas, como para aquelas que não têm inscrição no programa de distribuição de lotes do GDF.

Logo após a derrubada das barracas da invasão, as famílias foram levadas pelo Centro de Desenvolvimento Social ao Centro de Apoio. Lá, os moradores improvisaram barracas na área verde, permanecendo durante 40 dias. Este foi o prazo dado pelos diretores aos invasores para conseguirem um lugar para morar. As famílias também tiveram uma oferta singular de Cr\$ 40 mil para dois meses de aluguel e uma cesta básica para saírem do CAS. "Como é que a gente vai viver por dois meses com este dinheiro?", pergunta Raimunda Catarina, que morou pelo período de 33 dias na invasão.

Situação — "Anteontem eu cheguei atrasada no trabalho porque tive dor nas pernas de tanto frio". A afirmação é da doméstica Raimunda Catarina, denunciando as condições em que vivem os "invasores". As barracas são de lona ou borracha "e

nesta época de frio fica difícil dormir". Outra moradora, Eva Maria Tomé Ângelo, complementa dizendo que até mesmo cobertor da LBA eles já conseguiram.

Apesar de terem café da manhã, almoço e jantar no CAS, as famílias não estão satisfeitas. "Nós queremos um lugar para morar, um lote" — afirma Raimunda Catarina, que é cadastrada.

da. "O CAS é um lugar destinado a mendigos e migrantes e nós não somos deste grupo", diz Eva Maria. De acordo com as duas moradoras, a Saúde Pública já esteve no local, dizendo que as pessoas estão sujeitas a vários tipos de doenças. "Por isso, eu tenho esperanças de que o governador ache uma solução para nosso problema", conclui Raimunda Catarina.

CORREIO BRAZILIENSE

14 MAI 1991